

MICHEL FOUCAULT E “O ESPECTADOR EMANCIPADO” DE JACQUES RANCIÈRE

MICHEL FOUCAULT AND "THE SPECTATOR EMANCIPATED" OF THE JACQUES RANCIÈRE

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS

Professor da UEG - Universidade Estadual de Goiás / CCET, Campus Henrique Santillo, Anápolis – GO. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCGO - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
andre.luis@ueg.br

Resumo: O texto trata das aproximações entre Michel Foucault e Jacques Rancière no que se refere à emancipação do espectador. É no anonimato que se reencontram Foucault e Rancière. O anonimato do autor em Foucault e o espectador anônimo de Rancière, sobre o qual espera-se que seja destinada a questão política primeira da arte.

Palavras-chave: Michel Foucault, Emancipação, Espectador, Jacques Rancière.

Abstract: The text is about the approach between Michel Foucault and Jacques Rancière referring to the spectator's emancipation. Foucault and Rancière meet again at the anonymity. The author's anonymity in Foucault and the anonymous spectator in Rancière about that expected that it's destined to the first political question of the art.

Keywords: Michel Foucault, Emancipation, Spectator, Jacques Rancière.

1- INTRODUÇÃO

O que exigimos da arte hoje? Uma distância das questões fundamentais de nosso tempo, seja pela via formal ou do entretenimento, de modo que possamos ser reconfortados com uma estética que nos livre do imenso e conflitivo esforço de “entender” o mundo? Por

outro lado, esperamos que a arte possa nos aproximar do mundo, repor e intensificar nossos afetos, reinventar outras sensibilidades capazes de mobilizar o pensamento, despertar-nos para a “outridade” e para as diferenças? Essas questões, diluídas na mídia¹, podem ser dirigidas aos artistas e seus dilemas acerca do que é fazer arte. Mas essas indagações são também questões dos espectadores?

No livro “O espectador emancipado” Jacques Rancière revolve o solo da tradição crítica que trata da questão do espectador. Ser espectador representa o contrário, o negativo, do pensamento e da ação? A questão do espectador fora enunciada na aurora do pensamento ocidental com Platão, “a doença do olhar subjogado por sombras”. O ríspido olhar de Platão sobre a arte, como um “espetáculo de um páthos”, atesta as intensas e difíceis relações entre a política e a arte, o problema de se definir o que seria uma arte política ou uma política da arte.

Para Rancière a emancipação do espectador inicia-se com o questionamento sobre a distinção, a oposição, entre o olhar e agir. As certezas que determinam essas distinções fazem parte da estrutura da dominação e da sujeição. O olhar também é uma ação que “confirma ou transforma essa distribuição das posições. O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares” (RANCIÈRE, 2014, p.17)

Poderíamos reconhecer no espectador emancipado de Rancière, esse capaz de se interrogar sobre o ver, o olhar e o fazer, a atitude moderna na qual se refere Foucault ao tratar

¹ Me valho nessa introdução de alguns textos da mídia impressa e eletrônica que apontam para a atualidade e a importância da discussão proposta por Rancière. A crítica de José Miguel Wisnik, publicada no jornal O Globo, do disco “Vira lata na Via Láctea” de Tom Zé, na qual afirma que “isso que chamamos de arte só existe quando se é capaz de criar um ponto de silêncio augural no meio dos barulhos, sem deixar de ouvi-los. As artes sabem que silêncio não existe, precisa ser feito”. O texto de Francisco Quinteiro Pires, publicado na Revista Carta Capital, sobre a obra de David Foster Wallace, que retoma a indagação do escritor americano “por que exigimos de nossa arte uma distância irônica das convicções arraigadas ou das questões aflitivas, de modo que os escritores atuais devem ou fazer piadas com elas ou tentar camuflá-las sob algum truque formal”. Ainda, nessa perspectiva, o dossiê publicado na Revista Cult intitulado “A arte como inscrição da violência”. Nesse dossiê as artes são concebidas como capazes de “nos sensibilizar tanto para certas e terríveis violências que são naturalizadas e se tornam invisíveis, como também nos abrem para enfrentá-las de um modo criativo, dialógico, e não violento”. Texto de apresentação do dossiê de Márcio Seligmann-Silva.

da questão do esclarecimento². Essa atitude é entendida como um êthos, “uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa” (FOUCAULT, 2000, p. 342). Na perspectiva foucaultiana, uma interrogação filosófica na qual seja possível problematizar a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo.

As reflexões de Foucault apontam para uma crítica permanente de nós mesmos, uma recusa para alternativas simplistas e autoritárias; daquilo que é universal, obrigatório e necessário, saber reconhecer o singular, contingente e resultado de imposições arbitrarias; enfim, um trabalho crítico que dê forma à impaciência da liberdade. Dessa maneira, seria correto indagar se a questão do espectador emancipado, enunciada por Rancière, não se trata da questão liberdade, seja do espectador ou do artista, aos modos de pensar e sentir a si mesmo, os outros e o mundo?

2- O ESPECTADOR EMANCIPADO DE RANCIÈRE

A emancipação faz parte de um projeto constitutivo e ulterior à modernidade. É nesse sentido que Rancière (2014) reafirma a vitalidade da tradição crítica,

[...] é falso dizer que a tradição da crítica social e cultural está esgotada. Ela vai muito bem, em sua forma invertida que agora estrutura o discurso dominante. Simplesmente foi levada de volta a seu terreno de origem: o da interpretação da modernidade como ruptura individualista do elo social e da democracia como individualismo de massa. Foi também levada de volta à tensão originária entre a lógica dessa interpretação da modernidade ‘democrática’ e a lógica da emancipação social. A atual desconexão entre a crítica do mercado e do espetáculo e qualquer

² FOUCAULT, M. (2000). O que são as luzes? In: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

visão emancipadora é a forma última de uma tensão que habitou desde a origem o movimento de emancipação social” (p. 42).

Essa tensão tem as suas origens nas relações de solidariedade entre a emancipação social e a emancipação estética, “ruptura com as maneiras de sentir, ver e dizer que caracterizavam a identidade operária na ordem hierárquica antiga” (op. cit., p.37). Representava, ao mesmo tempo, as possibilidades de emancipação operária e uma desordem das classes. Para o trabalhador, “outro corpo e outra ‘alma’ desse corpo – o corpo e a alma dos que não estão adaptados a nenhuma ocupação específica, que põem em ação as capacidades de sentir e falar, de pensar e agir que não pertencem a nenhuma classe em particular, que pertencem a qualquer um” (ibid., p. 43).

Rancière defende uma “experiência do dissenso” em que “não há realidade oculta sob as aparências, nem regime único de apresentação e interpretação do dado que imponha a todos a sua evidência. É que toda situação é passível de ser fendida no interior, reconfigurada sob outro regime de percepção e significação” (ibid., p. 48). Nessa perspectiva, a arte não se reduziria a uma operação de passagem de uma causa a um efeito, ou da intenção ao resultado. Para Rancière uma ruptura estética que produza “a eficácia de um dissenso. O que entendo por dissenso não é o conflito de idéias ou sentimentos. É o conflito de vários regimes de sensorialidade. É por isso que a arte, no regime da separação estética, acaba por tocar na política. Pois o dissenso está no cerne da política” (ibid., p. 59).

A política para Rancière, mais do que exercício ou luta pelo poder, também é “a atividade que reconfigura os âmbitos sensíveis nos quais se definem objetos comuns” (ibid., p. 59). A experiência artística toca a política como uma experiência do dissenso, “oposta à adaptação mimética ou ética das produções artísticas com fins sociais” (ibid., p. 60). A questão que se coloca aos dominados não é “tomar consciência dos mecanismo de dominação,

mas criar um corpo voltado a outra coisa, que não a dominação” (ibid., p. 62). O que se reafirma é a impossibilidade da passagem, através da visão de um espetáculo ou de um filme,

à compreensão do mundo e da compreensão intelectual a uma decisão da ação. Passa-se de um mundo sensível a outro mundo sensível que define outras tolerâncias e intolerâncias, outras capacidades e incapacidades. O que está em funcionamento são dissociações: ruptura de uma relação entre sentido e sentido, entre um mundo visível, um modo de afeição, um regime de interpretação e um espaço de possibilidades; ruptura dos referenciais sensíveis que possibilitavam a cada um o seu lugar numa ordem das coisas”. (ibid., p. 66-67)

O que está em questão para Rancière é o conflito de diferentes regimes de sensibilidades. A política da arte se refere a uma “política da estética”, o efeito político das formas como se estruturam as experiências de sensibilidade próprias de um regime de arte; as “estratégias dos artistas”, o trabalho de ficção, trabalho que muda as formas de apresentação do sensível e as formas de sua enunciação; as “grandes metapolíticas”, o que coloca à arte seu papel histórico de modificação das formas da experiência sensível.

Arte e política não estão inscritas em um circuito no qual se passa da ficção à realidade, “mas uma relação entre duas maneiras de produzir ficções” (ibid., p. 75). É a produção de dissensos que modifica a paisagem do “visível, do dizível e do factível”. A arte crítica opera um deslocamento no campo consensual, infligindo as suas linhas de separação. Nessa perspectiva, a política da arte está relacionada a formação da sensibilidade do anônimo, remete a questão política primeira da “capacidade de corpos quaisquer se apoderarem de seu destino” (p. 78).

3- MICHEL FOUCAULT E A QUESTÃO DO ESCLARECIMENTO

Para Foucault o homem moderno se caracteriza pela busca da invenção de si mesmo, pela difícil tarefa de elaborar a si mesmo. Nas trilhas de Baudelaire, “uma das consciências mais agudas da modernidade do século XX”, essa invenção de si não seria possível na sociedade ou no campo político, mas “só podem produzir –se em um lugar outro que Baudelaire chama de arte” (FOUCAULT, 2000, p.344).

Foucault coloca Baudelaire junto a tradição kantiana da Aufklärung para afirmar a modernidade como a atitude de pensar o presente, um êthos filosófico, “nosso trabalho sobre nós mesmos como seres livres” (op. cit., p. 348). Ao tratar do iluminismo Foucault acentua a necessidade de “fazer avançar para tão longe e tão amplamente quanto possível o trabalho infinito da liberdade”. Deve-se, nessa leitura, desviar-se das promessas do “novo” homem, repetidas por diferentes sistemas políticos no século XX.

A atitude moderna de Baudelaire é concebida a partir de uma heroificação irônica do presente, do jogo da liberdade com o real para transfigurá-lo e da elaboração ascética de si mesmo. Está em questão a busca de alguma coisa eterna no instante, relação obsedante que nossa época mantém com a morte; o inestimável valor do presente indissociável da obstinação de imaginar; um ascetismo indispensável, tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura.

O texto de Kant sobre o esclarecimento é para Foucault onde se pode reconhecer o esboço do que poderia chamar de atitude de modernidade” (ibid., p. 341). Se a questão da maioria foi ou não alcançada é possível “dar um sentido a essa interrogação crítica sobre o presente e sobre nós mesmos formulada por Kant ao refletir sobre a Aufklärung” (ibid., p. 351).

É interessante considerar como Foucault leva adiante esse projeto em sua obra. Para nossa discussão sobre a arte e o esclarecimento, o conceito de experiência e anonimato ajudam a elucidar o modo pelo qual Foucault interroga a realidade, a linguagem e a própria

ficção. A experiência se refere a uma empresa de dessubjetivação, uma relação com os efeitos da ficção. Para Foucault (ibid., p.VII),

Uma experiência é sempre uma ficção; é alguma coisa que nós próprios fabricamos, que não existe antes e que vai existir depois. Isto é a relação difícil com a verdade, a maneira pela qual esta se encontra engajada em uma experiência que não é ligada a ela e que, até um certo ponto, a destrói.

O conceito de experiência para Foucault visa, mais do que um olhar reflexivo sobre a vida, arrancar o sujeito de si próprio ou que ele alcance a sua dissolução. Em outro momento, sobre a experiência da escrita³, Foucault afirmará que “escreve-se para ser diferente do que se é”. Ao contrário dos clássicos, que buscavam a distinção pela busca da verdade, o que se coloca hoje é a conquista do anonimato, ou “chegar a apagar seu nome próprio e vir alojar sua voz nesse grande murmúrio anônimo dos discursos que se mantêm”. (ibid., p.74). Foucault trata aqui do anonimato do autor, gesto de diluição e de afirmação⁴, em um limite em que “ele é e não pode ser igual a si mesmo”.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ In. MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁴ MUCHAIL, Salma Tannus. Michel Foucault e o dilaceramento do autor. In. *MARGEM*, São Paulo, n. 16, p. 129-135, dez. 2002.

É no anonimato que se reencontram Foucault e Rancière⁵. O anonimato do autor em Foucault, o que procura apagar o nome e instalar a voz no imenso murmúrio anônimo dos discursos que se mantém, e o espectador anônimo de Rancière, sobre o qual espera-se que seja destinada a questão política primeira da arte. É no anonimato as condições de possibilidades para experimentações de dissenso e dissolução, do deslocamento do campo do consensual e da capacidade de arrancar o sujeito de si próprio. O anonimato como lugar, espaço, de jogo da liberdade do real para sua transfiguração, de relações entre as diferentes maneiras de produzir ficções, da elaboração ascética de si, do conflito de diferentes regimes de sensibilidades.

Trata-se aqui de uma “pluralidade possível de posições-sujeitos” (MUCHAIL, 2002, p. 135) em que se pode colocar em questão a emancipação do olhar, do ver e do fazer. Trata-se da indagação sobre aquilo que pode ou não os corpos no confronto com a vida. Trata-se da obstinação em imaginar “o presente de modo diferente do que ele não é, e transformá-lo não o destruindo, mas captando-o no que ele é” (FOUCAULT, 2000, p.344). Trata-se de apoderar-se de novas perspectivas, “outros dispositivos espaçotemporais, outras comunidades de palavras e coisas, formas e significados” (RANCIÈRE, 2014, p. 99). Trata-se da constituição de espaços heterotópicos, “esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2013, p. 20).

Enfim, seria pertinente perguntar, a partir das reflexões de Rancière e Foucault, se a questão da emancipação do espectador não estaria no epicentro de uma atitude que poderíamos nomear de moderna? Dessa forma, operando deslocamentos nas posições do artista, não mais presos a uma lógica embrutecedora, de transmissão e/ou captura do saber ou da energia de um espectador passivo, e nas posições do espectador, exposto a diferentes

⁵ “Rancière evita falar em linhas de filiação de seu pensamento. Há, antes, encontros que o marcaram e que em determinados momentos foram decisivos em sua trajetória”. Sartre, Althusser e, depois, “Foucault e a reviravolta do que constitui o próprio problema da filosofia: não mais o que é pensar, mas o que faz com que tal coisa seja pensável, o que conseqüentemente o levava a uma nova maneira de articular pensamento e prática” (SALOMON, 2013, p.229).

regimes de sensorialidade, ao dissenso, a capacidade de associar e dissociar. Talvez, a questão da emancipação do espectador estaria na visceralidade de uma arte para os anônimos, os desconhecidos, os sujeitos sem nome, irreconhecíveis pelos poderes, portanto, com possibilidades de reinventarem a si e, quem sabe, de dizerem não a este mundo.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes? In. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *O corpo utópico, As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MUCHAIL, Salma Tannus. Michel Foucault e o dilaceramento do autor. In. *MARGEM*, São Paulo, No 16, P. 129-135, DEZ. 2002

PIRES, Francisco Quinteiro. David Foster Wallace: o sentido do real. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/833/o-sentido-do-real-5084.html>. Acesso em 07 de fevereiro de 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SALOMON, Marlon. Jacques Rancière, cenografias políticas. *hist. historiogr. Ouro Preto*. n. 13, dezembro de 2013, p. 226-234.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Dossiê A arte como inscrição da violência: resistência da memória em uma era pós-histórica. In. *Revista Cult*. São Paulo, Dezembro de 2014, n. 197, ano 17, p.28-55.

WISNIK, José Miguel. Vira lata, Via Láctea. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/vira-lata-via-lactea-14628978>. Acesso em 15 de janeiro de 2015.